

## PORQUE O PAPA FRANCISCO VENCEU O DESAFIO DA REFORMA Massimo FAGGIOLI

“A popularidade de **Francisco** é o fruto da percepção deste papa como último bastião do conhecido contra o avanço do desconhecido. A globalização do catolicismo e do papado também envolve a globalização da definição do bispo como *defensor civitatis*. Não é mais somente a *civitas* de **Roma**, mas a civilização ocidental.”

A opinião é do historiador italiano **Massimo Faggioli**, professor da **Villanova University**, nos **EUA**, em artigo publicado no jornal **Il Mattino**, 21-11-2016. A tradução é de **Moisés Sbardelotto**.

### **Eis o texto.**

No domingo, 20 de novembro, concluiu-se em **Roma** o **Jubileu** aberto pelo **Papa Francisco** no dia 29 de novembro do ano passado em **Bangui**, na **República Centro-Africana**. Foi um ano jubilar que disse muito sobre a Igreja de **Francisco**, porque viu Francisco agir em diversos níveis ligados entre si.

O **primeiro nível** é o de um pontificado em que a dimensão romana e curial do papa é claramente menos distintivo da sua dimensão global. O nível institucional da ação de **Francisco** parece ser marginal, subordinado na agenda do papa, mas é uma marginalidade que é, em si mesmo, ação de reforma. **Francisco** instituiu apenas dois novos dicastérios (o dicastério para os leigos, a família e a vida, e o dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral), na ausência (por enquanto) de uma reforma abrangente do governo da Igreja.

Mas seria uma miopia não ver as mudanças radicais concretizadas e culminadas durante o ano jubilar: a contínua ênfase na necessidade de uma humildade institucional da Igreja; a nomeação de novos cardeais de todo o mundo em uma redefinição do papel do cardeal de honorificência a serviço; um governo da **Cúria Romana** que pode ser definido como em um estado de suspensão, como um coma farmacológico induzido pelo papa no corpo da burocracia vaticana: um dos usos do remédio da misericórdia.

O **segundo nível** é o eclesial. **Francisco** concluiu o **Sínodo dos bispos** de 2014-2015 com a publicação, em abril passado, da exortação **Amoris Laetitia** sobre o amor na família, que contém importantes novas indicações sobre a pastoral para as famílias e as situações atípicas, isto é, reais e não abstratas. Trata-se do documento sobre a família mais importante dos últimos 40 anos, pelo menos, que renova o modo de interpretar uma tradição sobre o amor e a sexualidade, que remonta pelo menos ao **Concílio de Trento** (1545-1563).

**Francisco** nomeou uma comissão de estudo sobre o diaconato das

mulheres, que declara aberto um debate que muitos pretendiam que estivesse fechado para sempre, e que se insere em recentes desenvolvimentos de outras Igrejas (é de poucos dias atrás a decisão do Patriarcado Ortodoxo de Alexandria de restaurar o diaconato feminino).

Inseparável do nível eclesial interno ao catolicismo é o **terceiro nível**, o ecumênico: o terceiro encontro (em três anos) com o **Patriarca de Constantinopla, Bartolomeu**, em Lesbos, com os refugiados; com o líder dos anglicanos **Justin Welby** em **Roma** (que se deteve de joelhos em oração diante do túmulo de **São Pedro**, em um gesto de reconhecimento espiritual da função petrina do papa); com os luteranos na **Suécia** para a comemoração dos 500 anos do início da **Reforma** protestante. Esses encontros cimentaram não só a função ecumênica do papado romano, mas também o seu reconhecimento por parte do vasto mundo das Igrejas diferentes das históricas da Reforma, com muito menos reservas em relação a alguns anos atrás.

O **quarto nível** é o inter-religioso: o encontro de **Assis** para o **Dia Mundial de Oração pela Paz**; a publicação do importante documento da **Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo**, que declara de maneira mais forte do que no passado a irrevogabilidade dos dons de Deus a Israel; a visita à sinagoga de **Roma**; a audiência do **Papa Francisco** ao **Grande Imã de al-Azhar**, a escola de teologia mais importante do Islã sunita.

O **quinto e último nível** é o da profecia social no plano mundial e global, que se cruza com os outros níveis. O encontro com o **Patriarca de Moscou, Kirill**, em **Cuba** confirmou a função de **Francisco** de mediador entre áreas geopolíticas e tradições confessionais não só diferentes, mas também divididas por uma história de conflitos armados e estranhamentos culturais. A viagem ao **México** representou o necessário apêndice para compreender a viagem de setembro de 2015 aos **Estados Unidos**, a já ex-potência mundial indiscutível, o país-chave para compreender as ambiguidades morais do cristianismo hoje diante das questões da imigração, da exclusão econômica e social, do nacionalismo e do militarismo em um contexto de crise do ethos democrático.

O congresso vaticano sobre não violência e paz, promovido pelo dicastério “**Justiça e Paz**”, junto com o movimento **Pax Christi**, reabriu o debate sobre paz e guerra justa no magistério da Igreja e papal, em um desafio às tentações de fazer do catolicismo a legitimação da reação do **Ocidente** contra o terrorismo.

A viagem a **Lesbos** (da qual **Francisco** trouxe para **Roma** 12 refugiados, em um Vaticano convertido, de refúgio do papa depois da perda do poder temporal do papa, em refúgio para os refugiados) precedeu em apenas algumas semanas o prêmio **Karlspreis** conferido ao

Papa Francisco, com uma Europa que, na tentativa de se reencontrar, apela a um jesuíta argentino.

As viagens à **Armênia**, à **Geórgia** e ao **Azerbaijão** levaram o papa para as periferias da **Europa**, mas, principalmente, periferias de potências imperiais que usaram e estão tentando voltar a usar a religião como *instrumentum regni*.

Com o seu discurso no 3º Encontro Mundial dos Movimentos Populares, **Francisco** apresentou uma alternativa radical ao atual sistema econômico e social que exclui programaticamente crescentes faixas da população, fazendo do papado a voz já dormente de um progressismo político absorvido pelo liberalismo da *"identity politics"*.

Nesses cinco níveis, durante o **Jubileu Extraordinário da Misericórdia**, o papado evidenciou de maneira cada vez mais inequívoca a linha, às vezes subterrânea, que conecta **Francisco** a **João XXIII** e à sua intuição de convocar o **Concílio Vaticano II**.

O pontificado de **Francisco** repropõe, sem temores e sem apologéticas, a mensagem do **Vaticano II**. A mudança de paradigma teológico e eclesial em relação às nostalgias pré-conciliares é irreversível. O **Jubileu Extraordinário** recém-concluído consolidou o projeto do **Papa Francisco**, levando a uma radicalização e isolamento da oposição interna à Igreja: esse é um desafio em via de solução.

Na **Igreja Católica** global, hoje, não há uma alternativa intelectual e espiritualmente capaz de se propor como antagonista credível e não caricatural do catolicismo de **Bergoglio**. O discurso está se deslocando do plano interno eclesial ao plano social e político global. A fundamental oposição entre o espírito do tempo culminado (por enquanto) com a eleição de **Donald Trump** e a mensagem social do **Papa Francisco** é um desafio aberto diante de nós.

As palavras-chave do **Jubileu** e do pontificado de **Francisco**, misericórdia e pobres, põem o catolicismo na margem oposta em relação a uma maré crescente: o avanço dos populismos, o medo do outro nos refugiados, o colapso da fé na democracia como o colapso dos laços de solidariedade não imediatos, a popularidade do homem forte como figura salvífica.

A popularidade de **Francisco** também é o fruto da percepção deste papa como último bastião do conhecido contra o avanço do desconhecido. A globalização do catolicismo e do papado também envolve a globalização da definição do bispo como *defensor civitatis*. Não é mais somente a *civitas* de **Roma**, mas a civilização ocidental.